

“VAI RESPLANDECER”: MÚSICA, NATUREZA E ANCESTRALIDADE EM CLARA NUNES

Renato Duro Dias¹

Amanda Netto Brum²

Simone Grohs Freire³

Resumo: Este artigo discute as categorias natureza e ancestralidade, na perspectiva da Educação Ambiental, a partir das contribuições legadas por Clara Nunes (1942-1983). Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa de cunho historiográfico e imagético, baseada em biografias, narrativas da vida, letras de músicas, figurinos e a exposição “Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). Mulher, negra, sambista, filha de operários, com uma espiritualidade de força sincrética, suas roupas brancas e adereços multicolores demonstravam as diversas ligações com a natureza. Neste sentido, a presente investigação pretende tornar visível a amefricanidade de Clara, na busca pelo rompimento com a colonialidade e as diversas colonizações de corpos, a fim de pensar outras formas de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Clara Nunes; Ancestralidade; Decolonialidade; Amefricanidade; Educação Ambiental.

Abstract: This article discusses the categories of nature and ancestry, from the perspective of Environmental Education, based on the contributions made by Clara Nunes (1942-1983). This qualitative research of historiographic and pictorial nature is based on biographies, life narratives, song lyrics, costumes and the exhibition "Clara Nunes, eu sou a tal mineira" (2023). Woman, black, samba dancer, daughter of blue collar workers, of a syncretic faith, her white clothes and multicolored accessories demonstrated her various connections to nature. Thus the intent of this research to reveal Clara's amefricanity, seeking the rupture with coloniality and the many colonizations of bodies, in order to think of other forms to create knowledge.

Keywords: Clara Nunes; Ancestry; Decoloniality; Amefricanity; Environmental Education.

¹ Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: renatodurodias@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9894300167305005>

² Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: amandanettobrum@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1878072916219029>

³ Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: grohsfreire@gmail.com,

Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8269792142426561>

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

Introdução

Este artigo discute as categorias natureza e ancestralidade a partir das contribuições legadas por Clara Nunes (1942-1983). Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa de cunho historiográfico e imagético, baseada em biografias, narrativas da vida e entrevistas, letras de músicas, videocliques, discos, figurinos, vestimentas e a exposição “Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023).

Uma referência de performance musical e visual (Silva, 2021), Clara trilhou um caminho tênue entre sua espiritualidade e voz. Dona de um carisma contagiante, conseguiu alicerçar sua carreira baseada nas principais heranças do povo africano que sempre lhe orgulhou.

Mulher, negra, sambista, filha de operários e com uma espiritualidade demonstrada em sua força sincrética, Clara Nunes tornou-se uma grande referência na Música Popular Brasileira ao abraçar a brasilidade, a partir de suas roupas brancas, danças gingadas, adereços multicores e as diversas locações na natureza.

Cada capa de disco, cada figurino utilizado nos shows e apresentações televisivas, representavam parte do arcabouço ancestral que Clara Nunes fez emergir, especialmente em um período marcado pela ditadura e por um total apagamento do Brasil negro, que tanto seus versos, como suas canções fez resplandecer. “Clara inicia sua carreira em 1966, em um momento marcante do país, quando o golpe civil-militar implica diretamente na produção cultural, em um contexto de disputa.” (Silva, 2021, p. 112).

A frente de seu tempo, a cantora referia-se à cultura e à tradição, contando um pouco das histórias de vida, que construíram seu universo, especialmente tramado nas viagens e diálogos constantes com os seus. Das letras de suas músicas, cantadas por décadas, extrai-se o mais legítimo espólio deixado por Clara Nunes, a crítica à exploração e intervenção humana desmedida na natureza, bem como a sua raiz, em que fecundam os saberes ancestrais femininos.

Neste sentido, esta investigação pretende reverberar as escritas, sonoridades e visualidades de Clara Nunes, resgatando parte de sua história de vida, que se confunde com a memória da música brasileira. Traça um pequeno recorte daquilo que esta imagética cantora nos legou. Especialmente demarcada pela sua aproximação com a umbanda e o candomblé, Clara cantava os orixás em sincretismo ao que acreditava ser o Brasil, lindamente traduzido no “Canto das Três Raças”: uma história de violência, dor e opressão.

O CANTO DAS TRÊS RAÇAS
(1976)

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
E ecoa noite e dia
É ensurdecador
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor
Intérprete: Clara Nunes, 1976.
Compositores: Mauro Duarte / Paulo Pinheiro

Na primeira parte desta investigação narra-se o legado de Clara Nunes como uma mulher “guerreira”. Logo discute-se a Educação Ambiental, os conceitos de circularidade e ancestralidade no universo de Clara Nunes e ao final, aproxima-se a perspectiva de amefricanidade como possibilidade de outras (re)existências.

Neste sentido, a presente pesquisa pretende tornar visível a amefricanidade (Gonzalez, 1988) de Clara, na busca pelo rompimento com a colonialidade e as diversas colonizações de corpos, a fim de pensar outros mundos e outras formas de produção de conhecimento.

Clara Nunes: o legado de uma mulher “guerreira”

Clara Francisca Gonçalves nasceu em 12 de agosto de 1942 na localidade do Cedro, atual município de Caetanópolis, Minas Gerais, que no início da década de 1950 se emancipa de Paraopeba (MG). (Fernandes, 2019, p. 63) Filha de Amélia Gonçalves Nunes e Manoel Pereira de Araújo, trabalhadores têxteis. Irmã de outros/as seis filhos/as, Clara Nunes, caçula, destacava-se na infância nas rodas de brincadeira. Adorava cantar e bater palmas, herança especialmente do pai, que era “congadeiro, violeiro e organizava Folias de Reis” (Fernandes, 2019, p. 64).

Já em Belo Horizonte, como empregada de uma fábrica têxtil (1958) - a Renascença -, Clara demonstrava todo seu denodo com aquilo que lhe seria a projeção de vida: cantar. É nesta época que ela tem a primeira oportunidade, na ocasião a Igreja de Renascença (no bairro onde ficava situada a indústria) que possuía brincadeira com pessoas que gostavam de cantar, denominada a “A hora da recruta” (Fernandes, 2019, p.83).

Na primeira inserção Clara interpreta “Por causa de você” de Tom Jobim e Dolores Duran. É neste momento que sua voz se sobressai e a partir daí, começa sua trajetória de cantora em rádios, “bailinhos” e blocos carnavalescos de Belo Horizonte (MG) (Fernandes, 2019).

Durante os anos que se seguiram Clara Nunes conquistou inúmeras premiações, sendo a primeira artista mulher brasileira a vender quase seiscentos mil (600.000) cópias de LPs de um único álbum, o que lhe rendeu ao longo da curta carreira uma marca superior a quatro milhões e quatrocentos mil (4.400.000) discos vendidos. Por tudo o que fez, na época que construiu seu espaço como cantora é possível afirmar que ela foi uma das maiores e mais importantes estrelas da Música Popular Brasileira.

Seu legado, para além de “Discos de Ouro”, traduz-se na inconfundível marca deixada pelo seu sorriso, gingado, vestimentas e adereços. Nos shows e nos discos, a roupa branca e os “penduricalhos” coloridos, compunham-se com as guias de orixás, que lhe enfeitavam e protegiam. Em uma recente mostra realizada no Museu da Moda de Belo Horizonte, a cantora é reverenciada na exposição “Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023) (Figuras 1, 2, 3, 4 e 5, próxima página).

Clara Nunes ficou especialmente imortalizada por suas lutas e crença em um país menos desigual e racialmente justo. Cada canto eclodia um sussurro por justiça racial. Seu branco, para além de simbolizar a paz, refletia sua espiritualidade sincrética. Seu contributo avançou e continua a ser entoado pelas suas letras repetidas por décadas. Ela acreditava na diversidade. “Enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos” (Bispo dos Santos, 2023, p. 29).

Clara construiu um imaginário em que sua arte se transformou num mecanismo de denúncia e reflexão. A “mineira guerreira, filha do Ogum com lansa” (Guerreira, 1978) se converteu em um ícone, uma porta-voz de toda sua

representatividade. Por toda sua trajetória, Clara tem inspirado potentes investigações acadêmicas como a de Silva (2021), intitulada “O corpo como texto: Clara Nunes e a performance da fé”, tese de doutorado, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP em 2021.



Figura 1: Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). **Fonte:** Acervo pessoal do/as Autor/as.



Figura 2: Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). **Fonte:** Acervo pessoal do/as Autor/as.



Figura 3: Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). **Fonte:** Acervo pessoal do/as Autor/as.



Figura 4: Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). **Fonte:** Acervo pessoal do/as Autor/as.



Figura 5: Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023). **Fonte:** Acervo pessoal do/as Autor/as.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

Ao compulsar este e outros importantes estudos verifica-se como Clara Nunes possibilitou outros giros epistemológicos (Rufino, 2019), marcadamente ressignificando as compreensões sobre gênero (Oyěwùmí, 2021), feminismos afro-latino-americanos (Gonzalez, 2020), raça e dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), como se pode perceber a partir da análise das produções acadêmicas publicizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), conforme o Quadro 1 (abaixo).

Quadro 1: Dissertações e Teses – BDTD.

Dissertações e Teses – BDTD
BAPTISTA, Rachel Rua. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira' 01/10/2005 112 f. Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social) Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo.
JESUS, Fabiane Teixeira de. As Cores da Nação: Um estudo discursivo de artigos colocados em circulação pela mídia impressa sobre o “novo” lugar do “negro” no conjunto da sociedade nacional' 24/06/2014 219 f. Doutorado em Linguística Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
PASTRO, Tamara Cláudia Coimbra. Os Tons Em Trânsito De Clara Nunes: samba, carnaval e religião (1966-1984)' 02/03/2018 undefined f. Mestrado em História Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
SANTOS, Miriam Conceição dos. Ponto cantado, encantando o ponto: Clara Nunes na interpretação dos cânticos de umbanda e candomblé na vida musical brasileira' 03/04/2014 102 f. Mestrado em Literatura Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
SANTOS, Kywza Joanna Fideles Pereira dos. Dos orixás ao “black is beautiful”: a estética da negritude na música popular brasileira' 23/05/2014 182 f. Doutorado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Pernambuco, Recife.
SILVA, Leandro Assunção da. Clara Nunes como obra de arte: a epistemologia das ciências humanas a partir da cultura musical' 22/03/2013 135 f. Doutorado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal
SOARES, Mariana de Toledo. O Brasil negromestiço de Clara Nunes (1971-1982)' 16/05/2016 149 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as com base em Silva, 2021.

Conforme bem adverte Silva:

Cantar o Samba e evocar nossa ancestralidade afroameríndia poderiam fortalecer o ideal de democracia racial. Entretanto encontramos na obra de Clara a evocação de nossa mestiçagem, mas não enquanto ação harmônica, e sim como constituinte de nossa sociedade, pontuando os efeitos deste processo na vida do povo brasileiro, principalmente de negras e negros (Silva, 2021, p. 113)

Desta forma, percebe-se as provocações que Clara Nunes nos deixou. Um constante clamor pela defesa emancipatória dos sujeitos subalternizados e da natureza, por uma luta antirracista e pela escuta das vozes ancestrais e as dores silenciadas ao longo da história civilizatória brasileira.

A Educação Ambiental no universo de Clara Nunes⁴ (ou de como “não sairemos do mato”⁵)

Quando o Sol
Se derramar em toda sua essência
Desafiando o poder da ciência
Pra combater o mal
E o mar
Com suas águas bravias
Levar consigo o pó dos nossos dias
Vai ser um bom sinal
Os palácios vão desabar
Sob a força de um temporal
E os ventos vão sufocar o barulho infernal
Os homens vão se rebelar
Dessa farsa descomunal
Vai voltar tudo ao seu lugar
Afim! (Nunes, 1977).

Na música “As forças da natureza” (1977) que integra o álbum de mesmo nome, Clara Nunes enfatiza os temas relativos às tradições populares, à espiritualidade e à crítica social. É também um prenúncio ou uma denúncia, de tempos de radicalização da dicotomia ser humano-natureza que nos faz prantear a atual crise civilizatória – uma vez que o meio ambiente ecologicamente equilibrado é um desdobramento do direito à vida – que hoje, ainda inertes, assistimos.

Certamente, dentre os vários aspectos que marcam a modernidade, o antropocentrismo desponta. É a partir do antropoceno que o ser humano passa a ser percebido como o centro do mundo e, instrumentalizado pela ciência, insere-se nos ‘segredos da natureza’ tornando-se também senhor e possuidor desta natureza. Este domínio não surge desvinculado, pelo contrário, “o antropocentrismo e o sentido pragmático-utilitarista do pensamento cartesiano não podem ser vistos desvinculados do mercantilismo que se afirmava e já se

⁴ Ao longo desta seção estabelecemos um diálogo entre os argumentos propostos e a palavra cantada de Clara Nunes. Por isso, o/a leitor/a em vários momentos será provocado/a, a partir da música da artista, a pensar a Educação Ambiental que atravessa esse texto.

⁵ Alusão a trecho do livro *Pedagogia das Encruzilhadas* de Luiz Rufino: “Não sairemos do mato, as mentiras contadas pelas bocas malfeitoras não nos seduzem, somos capoeiras (mato rasteiro), as nossas sabedorias são de fresta, somos corpos que se erguem dos destroços, dos cacos despedaçados e inventam outras possibilidades no movimento inapreensível da ginga” (2019, p.10).

tornava, com o colonialismo, senhor e possuidor de todo o mundo” (Gonçalves, 2016, p.34).

Clara Nunes utiliza a música como expressão, mas também como resistência, questionando a cultura moderna, marcada pelo cientificismo, que desqualifica outras formas de saber. Neste sentido, a música tem uma potência transformadora, porque como “instrumento de luta contra a opressão ou mesmo de resistência está vinculada a uma cultura, dessa forma, entende-se a música como uma prática reflexiva que se afirma culturalmente e de alguma forma é expressa socialmente” (Silva Neto, 2017, p.9).

Vem desde o tempo da senzala
Do batuque e da Cabala
O som que a todo povo embala
E quanto mais forte o chicote estala
E o povo se encurrala
O som mais forte se propala
E é o samba
É o ponto de Umbanda
E o tambor de Luanda
É o Maculelê e o lundu
É o Jongo e o Caxambú
É o Cateretê, é o Côco e é o Maracatu
O atabaque de Caboclo, o agogô de Afoxé
É a curimba do batucajé
É a Capoeira e o Candomblé
É a festa do Brasil mestiço, santuário da fé
E aos sons a palavra do poeta se juntou
E nasceram as canções e os mais belos poemas de Amor
Os cantos de guerra e os lamentos de dor
E pro povo não desesperar
Nós não deixaremos de cantar
Pois esse é o único alento do trabalhador (Nunes, 1980).

A educação, neste contexto, é subversiva. Gallo (2002) nos propõe uma Educação Menor como a educação que nos permite ser revolucionários. Esta Educação Menor que “constitui-se assim num empreendimento de militância” (2002, p.169) e atravessa-nos no nosso cotidiano em todos os espaços da vida. Desta forma, contrapondo a Educação Maior – aquela das políticas públicas, das diretrizes e metas, das leis, a Educação Menor é apresentada como um ato de “revolta e resistência” (2002, p.173).

Esta Educação Maior está intrinsecamente vinculada a uma Educação Ambiental comprometida com os poderes estabelecidos, uma vez que a elaboração de suas políticas públicas

também são impactadas por concepções capitalistas que ignoram o caráter multiétnico presente na realidade brasileira e pode ser percebida a partir de um paradigma centrado numa prática que busca dissociá-la da histórica contribuição dos povos africanos e indígenas para os tantos campos da vida e da ciência (Carvalho, 2023, p.113).

Na mesma linha, Vieira (2020) aponta que esta Educação Ambiental Maior está associada a uma ideia positiva e homogênea de desenvolvimento sustentável, possível a todos de modo igualitário, promovendo indistintamente desenvolvimento social e econômico. Neste sentido, afirma o autor que esta Educação Ambiental “induz para que o desenvolvimento sustentável se torne um discurso necessário, sobretudo, aos interesses dos segmentos hegemônicos que conduziram o planeta à degradação ambiental” (Vieira, 2020, p.264).

Por sua vez, a Educação Menor se caracteriza (Gallo, 2002) pela (1) desterritorialização dos processos educativos como algo que foge da máquina do controle que a Educação Maior impõe⁶; (2) pela ramificação política, uma vez que a Educação Menor é também um ato político que potencializa a ação militante, compreendida por sua vez como uma construção coletiva que se volta a superar as misérias da situação social e dos indivíduos; e (3) pelo valor coletivo já que a Educação Menor é uma “aposta nas multiplicidades” (Gallo, 2002, p. 176). Em outros termos, todo ato é ontologicamente coletivo. Este conjunto de características é que permite identificar a Educação Menor como uma máquina de resistência aos mecanismos macropolíticos de controle.

Nesta linha da Educação Menor pensamos aqui a Educação Ambiental, uma Educação Ambiental menor de perspectiva decolonial que ao mesmo tempo em que denuncia os silenciamentos e apagamentos epistêmicos, também se constitui em um espaço de enfrentamento aos mecanismos de controle que insistem em, repetida e continuamente, impor discursos “ingênuos, acríticos, disseminadores de relações unívocas e não de pluralidades ambientais” (Carvalho; Bergamo, 2023, p.2). Uma Educação Ambiental menor que desloca interpretações ambientais instituídas, as quais, sem nenhum potencial transformador operam por dentro de um sistema capitalista patriarcal e racista, o qual incumbe à natureza um valor exclusivamente instrumental. É o que nos propõe Henning:

⁶ Carvalho e Bergamo apontam a ocorrência da desterritorialização “quando as práticas ambientais reposicionam saberes contra hegemônicos acionando e visibilizando outras estéticas ambientais que não requerem o status de uma educação maior” (2023, p.21).

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoque a olhar para o mundo de uma forma não aterrorizante, como muitos discursos se apresentam para nós, mas como possibilidades de compormos um pensamento minoritário para Educação Ambiental. Não falo de um projeto de todos em prol do futuro do planeta, mas pequenas ações que possibilitem a cada um uma ética política para pensar o futuro do planeta (2012, p. 250).

Por sua vez, essa Educação Ambiental Menor também estabelece uma trama dialógica com a perspectiva da Educação Ambiental desde El Sur, pensada desde o sul global e cujos efeitos da colonialidade envolvem “todos os lugares, territórios e seus sujeitos e sujeitas que sofrem os efeitos que se constituíram a partir das geopolíticas de desigualdades que se refletem nas estruturas de poder, nas possibilidades do ser, no conhecimento e na natureza” (Sánchez, 2020, p.336).

Cadê o cantar dos passarinhos, ar puro não encontro mais não.
É o preço do progresso, paga com a poluição
O homem é civilizado, a sociedade é que faz sua imagem.
Mas tem muito diplomado, que é pior do que selvagem (Nunes, 1977).

Esta tessitura dialógica é uma abordagem possível para a decolonialidade, uma vez que reconhece a pluralidade de saberes que são constituídos nos múltiplos espaços que não apenas os espaços educativos formais.

Importa destacar que a perspectiva aqui adotada não significa de nenhuma maneira em invisibilizar os conhecimentos produzidos pela modernidade. Pelo contrário, o que se pretende é associar este conhecimento com outras formas de saber até então negadas. Trata-se do caráter integrativo referido por Carvalho como

outra dimensão da EA presente na concepção científica ancestral, uma vez que elas são essencialmente afropolitanas⁷ na perspectiva apresentada por Mbembe (2015) e não se estruturam pela exclusão de outras formas de compreender a realidade, mas adota o movimento como lugar de constituição da consciência (2023, p.119).

⁷ No texto de Carvalho, em nota de rodapé, o mesmo esclarece: “O afropolitanismo é um conceito construído por Achille Mbembe que localiza uma identidade afrocentrada para além do território da África” (2023, p.119).

Neste sentido, a perspectiva decolonial que atravessa essa contextura se apresenta como uma transgressão da dominação colonial. Trata-se também de uma circunstância do presente, por um lado, externa uma esfera de dominação e violência que ainda hoje perpassa nossas existências, por outro lado, denuncia a premência de uma militância pela liberdade de todas as formas de vida. Fanon (2022) já havia afirmado que a colonização é a violência em estado bruto que organiza e consolida a modernidade. Nesse movimento Rufino (2019) apresenta a decolonialidade, para além do conceito, como uma prática permanente de transformação social na vida comum.

Essa relação se estreita quando se pensa que a Educação Ambiental desde El Sur considera as relações entre seres humanos e natureza, inclui também a “espiritualidade e a transcendência como elementos dialogantes com o campo da Educação Ambiental” (Rufino; Camargo; Sánchez, 2020, p.7).

Pelo bastão de Xangô
E o caxangá de Oxalá
Filho Brasil pede a bênção Mãe África
Pelo bastão de Xangô
E o caxangá de Oxalá
Filho Brasil pede a bênção Mãe África (Nunes, 1982).

Nesta trama a ancestralidade é um elemento intrínseco da Educação Ambiental que como fundamento é ético, mas também político que vai acionar a ideia de uma educação que se trama com o processo de invenção de um novo mundo. A ancestralidade enquanto princípio existencial faz emergir saberes que cruzam o tempo e exigem um alargamento do presente (Rufino, 2019). Uma ancestralidade que nos demanda a responder, eticamente, como respondemos ao outro com vida. Este é o quinhão que a ancestralidade também nos convoca, responder com responsabilidade a este questionamento. Para tanto é preciso que a Educação Ambiental rompa com os limites epistêmicos acionados pelo padrão colonial da modernidade, já que a ancestralidade é o movimento contínuo diante de um mundo fragmentado.

Em Clara Nunes, a Educação Ambiental é ontológica. Na palavra cantada a ancestralidade é potência que problematiza e contesta o mundo inventado da modernidade. Clara Nunes canta a Améfrica Ladina (Gonzalez, 2020), canta o pretoguês, canta Iya Mi Oxorongá⁸, denuncia os saberes invisibilizados e aponta possibilidades outras de pensar o mundo.

⁸ Segundo Lopes, Iya Mi Oxorongá é a expressão maior da ancestralidade feminina. Velhas mães, donas do pássaro da noite, poderosas e implacáveis, constituem o princípio de tudo, estando acima do bem e do mal. Em alguns relatos míticos, o nome aparece associado ao orixá Oxum. Do iorubá òyámi Osòròngà (2011, p.641).

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

Agô-iê, Agô-iê, Agô
Mutumbá , Mutumbá
Pai maior, oni-babá!
Trazidos por navios negreiros
Do solo africano para o torrão brasileiro
Trazidos por navios negreiros
Do solo africano para o torrão brasileiro
Os negros escravos
Que entre gemidos e lamentos de dor
Traziam em seus corações sofridos
Seus Orixás de fé
Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé
Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé
Neste terreiro em festa
Entre mil adobás
Prestamos nosso tributo
Aos Orixás
Ao rei das matas: Okê bamboclim!
Ao vencedor das demandas: Guarumifá!
À cacarucaia dos Orixás: Saluba!
À grande guerreira da lei: Eparrei!
Nos rios e nas cachoeiras: Yalodê!
Ao dono da pedreira: Kaô, Kaô!
À rainha do mar: Adofiaba, mamãe!
E ao curandeiro das pestes: Atotô!
Agô-iê, Agô-iê, Agô
Mutumbá , Mutumbá
Pai maior, oni-babá! (Nunes, 1972).

Amefricanidade como possibilidade de outras (re)existências

O retrato da condição da mulher negra no tecido social brasileiro na obra de Clara Nunes, como ficou demonstrado ao longo do texto, funciona como uma espécie de passaporte que rompe com a colonialidade e as diversas colonizações de corpos e, especialmente, permite pensar outros mundos e outras formas de produções de conhecimento.

É exatamente por isto que se compreende que a amefricanidade (Gonzalez, 2020) marca a obra de Clara Nunes. Clara, como dito acima, marca com sua obra um clamor pela defesa emancipatória dos sujeitos subalternizados e da natureza, por uma luta antirracista e pela escuta das vozes ancestrais e as dores silenciadas ao longo da história civilizatória brasileira. Sua vestimenta, a partir do branco, simbolizava a paz e refletia sua espiritualidade sincrética. Do seu canto eclodia um sussurro por justiça racial.

Os giros epistemológicos possibilitados pela obra de Clara Nunes parecem possibilitar que se afirme que a amefricanidade (Gonzalez, 2020) que emerge de sua obra se estabelece como uma categoria de

oposição/rompimento ao aprisionamento ao que Carneiro (2023) denominou como dispositivo de racialidade⁹.

A categoria da amefricanidade nasce da proposição de Gonzalez (2020). A autora ao refletir como a linguagem racista¹⁰ marca e forma as estruturas sociais nos países da América-latina, especialmente no Brasil propõe a amefricanidade. Em contraposição aos termos colonialistas ‘afro-americano’ e ‘africano-americano’¹¹, Gonzalez estabelece o amefricano.

A autora estrutura a categoria amefricanidade como uma categoria político-cultural. A autora a partir da experiência histórica compartilhada de luta promovida por africanos/as e seus descendentes e pelos povos originários na América Latina pensa a categoria da amefricanidade. Gonzalez (2020), ao contrário da ideia afirmada de que a formação brasileira tem o predomínio de elementos brancos europeus, pensa o Brasil e demais países da América-latina como uma ‘América Africana’. Para ela, a terminologia ‘América Africana’ aponta para a forte influência e importância negra na sua formação.

Essas e muitas outras marcas que evidenciam a presença negra na construção cultural do continente americano me levaram a pensar a necessidade de elaboração de uma categoria que não se restringisse apenas ao caso brasileiro e que, efetuando uma abordagem mais ampla, levasse em consideração as exigências da interdisciplinaridade. Desse modo, comecei a refletir sobre a categoria de amefricanidade (Gonzalez, 2020, p.129).

Aliando-se a isso, o termo amefricanas/amefricanidade

designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, americanos oriundos dos mais diferentes países têm

⁹ Carneiro buscando compreender a dinâmica das relações raciais no Brasil inspira-se em Michel Foucault para a partir do conceito de dispositivo evidenciar a existência “de um dispositivo de racialidade operando na sociedade brasileira de tal modo que, pela articulação de múltiplos elementos, configura a racialidade como um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades” (Carneiro, 2023, p. 13). Diz-se, conforme Carneiro, que o disposto de racialidade “instaura, no limite uma divisão ontológica, uma vez a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou dito de outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistado pela contraposição com o Outro, negro. (Carneiro, p. 13, 2023).

¹⁰ Gonzalez (2020) chama atenção para o fato de que o racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a ideologia da branquitude que marca diversas estruturadas, dentre elas a linguagem.

¹¹ Gonzalez (2020) narra em seu texto ‘A categoria político-cultural da amefricanidade’ como e porque os termos afro-americano e africano-americano demarcam contradições. Para ela, tais termos remetem a duas reflexões. “A primeira: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos, e não em todo o continente” (Gonzalez, 2020, p.134). E a segunda: “que a ponta para a reprodução inconsciente da posição imperializata dos Estados Unidos, que afirma ser a América” (Gonzalez, 2020, p.134).

desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades (Gonzalez, 2020, p.135)

Assim, voltando o olhar para a obra de Clara Nunes, especialmente as letras de músicas, videocliques, figurino e vestimentas, é possível, como diz Gonzalez (2020), evidenciar a partir do caráter rítmico e tonal muitas marcas que evidenciam a brasilidade. Ao abraçar a brasilidade, a partir de suas roupas brancas, danças gingadas, Clara Nunes não apenas demarca a presença negra na construção no contexto brasileiro como também a crítica à exploração e intervenção humana desmedida na natureza, bem como a sua raiz, em que fecundam os saberes ancestrais femininos.

Parece razoável dizer que a amefricanidade presente na obra de Clara Nunes desvela o véu ideológico do branqueamento que é enraizado no contexto brasileiro. Em um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias e brancas (Gonzalez, 2020) as manifestações da brasilidade da obra de Clara Nunes demarcam a insurgência da artista contra a subordinação, o epistemicídio e demais “cídios” as quais se acham submetidas as pessoas negras no Brasil.

Isto evidencia que, ainda que “perplexidades decorram acerca da permanência de ideias e práticas de discriminação de base racista num contexto em que diferentes campos do conhecimento as desautorizam” (Carneiro, 2023, p.14.), as letras de músicas, músicas, videocliques, figurino e vestimentas de Clara Nunes parecem revelar, como propõe Carneiro (2023), que é da força da autoestima, do reconhecimento da própria autonomia, dos exemplos da conquista da memória que se extrai a seixa da resistência.

Aliás, é com este direcionamento teórico que Oyěwùmí possibilita pensar formas de resistências ao questionar a categoria gênero e os conceitos aliados com base em experiências e epistemologias culturais africanas. Oyěwùmí, debruçando-se sobre os estudos africanos, propõe romper, assim como Carneiro (2023) e Gonzalez (2020), com a colonialidade e as diversas colonizações de corpos e, sobretudo pensar outros mundos e outras formas de produções de conhecimento que transponha os saberes construídos de forma eurocêntricos. Para ela, é central encontrar maneiras em que a pesquisa africana “possa ser mais bem informada por preocupações e interpretações locais e, ao mesmo tempo, simultaneamente, para que as experiências

africanas sejam levadas em conta na construção teórica geral, apesar do racismo estrutural do sistema global” (Oyěwùmí, 2004, p.2), isto porque:

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores (Oyěwùmí, 2004, p.1).

É a partir do que Oyěwùmí denomina “como vontade de mudar o eixo da produção de conhecimento” que se acredita que se estabelece o fio condutor das resistências aos saberes que operam em favor da colonialidade que marca a colonização dos corpos e que nega outros mundos e outras formas de produções de conhecimento.

Sustenta-se, então, que da amefricanidade que marca a obra de Clara Nunes é possível pensar sua obra sob o ponto de vista decolonial (Gómez, 2012; Mignolo, 2017), isto porque acredita-se que é possível, como ensinam Gonzalez (2020), Carneiro (2023) e Oyěwùmí (2004), pensar a partir de Clara Nunes noções outras de formas de produções de conhecimento, outros mundos.

Defende-se, portanto, que a obra de Clara Nunes - ao demarcar uma luta antiracista e pela escuta das vozes ancestrais e as dores silenciadas ao longo da história civilizatória brasileira - rompe com a colonialidade e as diversas colonizações de corpos e se apresenta capaz de emergir a face da resistência - essa que tem potencialidade para transpor à exploração e intervenção humana desmedida na natureza e às relações de subalternizações que as pessoas negras vivenciam no contexto brasileiro.

Considerações finais

Tencionou-se, neste escrito - ao reverberar as escritas, sonoridades e visualidades de Clara Nunes -, discutir as categorias natureza e ancestralidade a partir das contribuições legadas pela artista. Para tanto, baseou-se na obra de Clara Nunes, isto é, valeu-se de biografias, narrativas da vida e entrevistas, letras de músicas, videoclipes, discos, figurinos, vestimentas e a exposição “Clara Nunes, eu sou a tal mineira” (2023).

Narrou-se, então, nesta investigação, o legado de Clara Nunes como uma mulher “guerreira”. Discutiu-se a partir da Educação Ambiental os

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

conceitos de circularidade e ancestralidade no universo de Clara Nunes e aproximou-se a perspectiva da categoria da amefricanidade a obra de Clara Nunes como possibilidade de outras (re)existências.

A obra de Clara Nunes, como dito, parece querer denunciar tempos de radicalização da dicotomia ser humano, mas também desvelam um constante clamor pela defesa emancipatória dos sujeitos subalternizados e da natureza, por uma luta antirracista e pela escuta das vozes ancestrais e as dores silenciadas ao longo da história civilizatória brasileira.

Clara sempre esteve na vanguarda, em todos os sentidos. Como cantora privilegiou a cultura e a tradição de seu povo, narrando um pouco das histórias de vida, que se amalgamaram durante sua trajetória, especialmente tramada a partir dos relatos e diálogos constantes com os seus. Em suas letras, Clara Nunes cantava o Brasil que lhe inspirou.

Por décadas, o legado deixado por Clara Nunes revela sua potente crítica à exploração e a intervenção humana desmedida na natureza, bem como a sua raiz, em que fecundam os saberes ancestrais femininos, tão fundamentais para uma Educação Ambiental comprometida com seu contexto.

Clara ainda reverbera ideais, sentidos e agendas importantíssimas para aqueles e aquelas fãs, mas, principalmente deixa na história da Música Popular Brasileira a marca de uma grande mulher, ativista, guerreira, que (en)cantou da maneira mais singela. Clara Nunes sempre será exemplo, porque sempre será presença.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de; BERGAMO, Leonardo Aparecido de Souza. Educação Ambiental Menor, Decolonialidade e Ativismo Artístico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 1-24, abr. 2023.

CARVALHO, Frederico Mendes de. Saberes Tradicionais e Educação Ambiental no Brasil: possibilidades e desafios. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.113-125, 2023.

DURO DIAS, Renato; NETTO BRUM, Amanda; GROHS FREIRE, Simone. Educação Ambiental e visualidades: representações imagéticas na série Jatobá de Rosana Paulino (2019). **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 359–379, 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERNANDES, Vagner **Clara Nunes, guerreira da utopia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

GALLO, Silvio. Em torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul. 2002.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia S. (org). **Ecologias Inventivas**: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. P. 241-253.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NUNES, Clara. **Tributo aos orixás**. 1972. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/clara-nunes/423991/>>. Acesso em: 18 maio 2024.

NUNES, Clara. **As forças da natureza**. São Bernardo do Campo: Odeon: 1977. (3min 56s). Disponível em: <https://youtu.be/7XcoEHiekxk> Acesso em: 27 abr. 2024.

NUNES, Clara. **Partido Clementina de Jesus**. 1977. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/clara-nunes/partido-clementina-de-jesus/#album:as-forcas-da-natureza-1977>>. Acesso em: 18 maio 2024.

NUNES, Clara. **Brasil mestiço, Santuário de fé**. 1980. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/clara-nunes/924227/#album:brasil-mestico-1980>. Acesso em: 18 maio 2024.

NUNES, Clara. **Mãe África**. 1982. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/clara-nunes/1201407/#album:nacao-1982>>. Acesso em: 18 maio 2024.

OYEWÙMI, Oyerónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz Rufino; CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental Desde El Sur. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 7, n., p. 1-11, out. 2020.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 8: 488-505, 2024.

SÁNCHEZ, Celso. Caminhos para uma Educação Ambiental desde el Sur. In: MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa Tombini (org.). **Narrativas Insurgentes**: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 335-356.

SILVA NETO, Luiz Gomes da. **Música, Cultura e Resistência**: a aprendizagem musical como forma de transformação social. 2017. 181 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2017.

VIEIRA, Fábio Pessoa. Uma Educação Ambiental para além da pandemia: aprendizados decoloniais com outras comunidades e outras pedagogias. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 15, n 4, p. 259-278, 2020.